



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

DIACONIA E CUIDADO NOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO¹

Diaconia and caretaking in the first centuries of Christianity

Rodolfo Gaede Neto²

Resumo: Este artigo trata de práticas diaconais e de cuidado do ser humano desenvolvidas pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos. Entre muitas formas de amor ao próximo exercitadas nesse período histórico, este texto referencia as seguintes: a) o ágape, através do qual se saciava a fome de grande número de pessoas empobrecidas; b) a solidariedade em situações emergenciais, como as epidemias; c) a hospitalidade, especialmente praticada em relação a pessoas forasteiras; d) a caixa comunitária, com cujos fundos se socorriam pessoas e grupos em situação de sofrimento; e) campanhas de ofertas, que expressavam a unidade da igreja através da solidariedade; f) e o sepultamento digno das pessoas, especialmente as empobrecidas e indigentes.

Palavras-chave: Diaconia. Ágape. Solidariedade. Hospitalidade.

Abstract: This article deals with diaconal practices and the caretaking of the human being developed by the Christian communities of the first centuries. Among the many forms of loving the neighbor practiced in this historic period, this text references the following: a) agape, through which a great number of poor people were fed; b) solidarity in emergency situations, such as epidemics; c) hospitality, especially practiced with regard to foreigners; d) a community box from which funds were taken to help people and groups in situations of suffering; e) offering campaigns which expressed the unity of the Church through solidarity; f) the dignified burial of people, especially of the impoverished and indigent.

Keywords: Diaconia. Agape. Solidarity. Hospitality.

Introdução

“Não repelirás o indigente, mas antes repartirás tudo com teu irmão, não considerando nada como teu, pois, se divides os bens da imortalidade, quanto mais o deves

¹ O artigo foi recebido em 10 de outubro de 2015 e aprovado em 23 de novembro de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Teologia, docente na área de Teologia Prática na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil. Contato: rodolfo@est.edu.br

fazer com os corruptíveis”³. Essas palavras foram formuladas no final do primeiro século do cristianismo e constam num dos documentos mais antigos da catequese cristã, a Didaquê. Elas nos permitem ter uma noção do espírito solidário que reinava na vida das primeiras comunidades cristãs. As pessoas que passavam por necessidades eram alvo da atenção e da preocupação das pessoas irmanadas pela fé. O cuidado praticado entre os membros da comunidade torna-se o distintivo da igreja cristã dos primeiros tempos, a exemplo do que afirma o apóstolo Paulo: “Cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, com ele todos se regozijam” (1Co 12.25s).

No texto que segue apresentamos algumas formas de cuidado ao ser humano exercitadas nos primeiros séculos da história da igreja cristã, a saber: a ceia do amor, a solidariedade em situações emergenciais, a hospitalidade, a *deposita pietatis*, as ofertas e o sepultamento.

A ceia do amor

A ceia do amor, uma refeição comunitária também conhecida como ágape, foi uma das práticas mais originais e relevantes na vida da comunidade cristã dos primeiros séculos. Duas razões mobilizavam a comunidade para promover diariamente essa ceia: alimentar as pessoas, especialmente as mais empobrecidas, e celebrar a Ceia do Senhor. Por várias décadas essas duas práticas estiveram vinculadas.⁴

Os documentos históricos indicam que a ceia do amor era realizada diariamente ao entardecer. Roloff entende que as refeições diárias das viúvas, mencionadas em At 6.1, estavam ligadas aos ágapes diários da comunidade.⁵ Diante da realidade de pobreza da maioria dos adeptos da religião cristã, instaurou-se no seio da comunidade a cultura da partilha: cada qual ofertava, de acordo com suas condições, alimentos e outros bens para uso comunitário. Dos alimentos trazidos, separavam-se o pão e o fruto da videira, pelos quais se dava graças com vistas à celebração da Ceia do Senhor.⁶

De acordo com Georg, além das funções mencionadas, a instituição das ceias comunitárias desempenhou papel significativo também na prática comunitária da hospitalidade: cristãos em viagem, como apóstolos e outras lideranças das igrejas, ao visitarem as diferentes cidades no desempenho de suas funções, encontravam nos ágapes acolhida fraternal.⁷

³ DIDAQUÊ – Catecismo dos primeiros cristãos [ou “Doutrina dos Apóstolos”]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 27.

⁴ GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006. p. 48.

⁵ ROLOFF, Jürgen. Der Gottesdienst im Urchristentum. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph (Hrsg.). *Handbuch der Liturgik: Liturgiewissenschaft in Theologie und Praxis der Kirche*. 2. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1995. p. 50.

⁶ GEORG, 2006, p. 48.

⁷ GEORG, 2006, p. 48.

O texto bíblico de At 6.1-7 faz referência a uma crise surgida no seio da comunidade de Jerusalém no que se refere às refeições comunitárias: as viúvas dos helenistas estavam sendo esquecidas no serviço diário de distribuição dos alimentos, provocando a murmuração desse segmento da igreja. O problema foi contornado com a designação de uma equipe para o serviço junto às mesas.

O apóstolo Paulo, porém, registra, bem antes disso, uma crise na comunidade de Corinto. O texto de 1Co 11.17-34 constitui uma importante fonte de informações sobre o ágape. O apóstolo constata o desvirtuamento do seu sentido social.⁸ O descuido para com a dimensão comunitária e social do ágape resultou em divisão, desigualdade e até morte, pois, de uma parte, havia pessoas bem nutridas e sadias, de outra, pessoas mal nutridas e doentes.⁹ O problema ocorria quando pessoas abastadas, que não estavam condicionadas a horários fixos de trabalho, chegavam mais cedo aos ágapes, comiam e se fartavam e até se embriagavam; enquanto isso as pessoas subordinadas, sujeitas ao cumprimento de jornadas de trabalho, como servos, servas, escravos e escravas, ao chegarem aos ágapes, já não encontravam alimentos. Paulo entende que quando, na comunidade cristã, as pessoas mais pobres são prejudicadas, o corpo comunitário fica lesado na sua unidade.¹⁰

Não demorou muito até que acontecesse a separação entre a refeição comunitária e a Ceia do Senhor. Segundo Philippi, esse fato causou prejuízo para as duas instituições: o ágape sem a eucaristia perdeu sua dimensão mística (sacramental) e a eucaristia sem o ágape perdeu a dimensão social.¹¹

A separação, porém, não impediu a continuação das refeições comunitárias e a recuperação de sua função social. As pessoas mais vulneráveis e empobrecidas (viúvas, escravos, escravas, servos, servas, pessoas idosas etc.) continuavam sendo convidadas para os encontros vespertinos¹², nos quais os diáconos prestavam regularmente serviço junto à mesa.

Para se ter ideia da importância da prática dos ágapes, observe-se a produção literária a seu respeito nos primeiros séculos. O tema é abordado nos escritos de Plínio, o jovem governador, Clemente de Alexandria (ano 150-211), Hipólito (*Tradição Apostólica*), Tertuliano (*Apologético*), Atanásio (295-373) e Agostinho, que escreve: “é que as nossas ágapes alimentam os pobres”¹³. Os seguintes documentos fazem

⁸ ROLOFF, 1995, p. 50.

⁹ SCHNEIDER, Nélío. Pecado e sacrifício na Ceia do Senhor: “Por isso há entre vós muitos fracos e doentes, e vários já dormiram” (1Co 11.30). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 119-128, 1996.

¹⁰ SCHNEIDER, 1996, 119-128.

¹¹ PHILIPPI, Paul. Diakonie I: Geschichte der Diakonie. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1980. v. 8, p. 624.

¹² RUHFUS, Martin. *Diakonie-Lernen der Gemeinde: Grundzüge einer diakonischen Gemeindepädagogik*. Rothenburg: Ernst-Lange-Institut, 1991. p. 36.

¹³ GEORG, 2006, p. 51.

referência ao mesmo tema: Didascália dos Apóstolos¹⁴, Constituições Apostólicas¹⁵ e em relatos acerca da vida de mártires¹⁶.

Segundo Hipólito, os ágapes possuíam liturgia própria¹⁷, que era presidida pelo bispo e, na sua ausência, pelo diácono.¹⁸ No século III, havia plena consciência da função dessas refeições. Isso pode ser constatado na descrição que Tertuliano faz dos ágapes dos cristãos em comparação com as festas pagãs: as ceias do amor cristão são simples, modestas, sem bebedeiras e glotonarias, iniciadas e terminadas com oração. Nelas, os humildes gozam de uma consideração superior e, ao final, todas as pessoas saem com decência. As festas pagãs, por seu turno, costumam grandes quantias, há comida e bebida em exagero, muitas vezes dedicadas a deuses pagãos, e, ao final, as pessoas se retiram dali comportando-se de forma indigna.¹⁹

Solidariedade em situações emergenciais

Em uma carta conservada por Eusébio, o bispo Dionísio de Alexandria (falecido em 265) escreve sobre a peste que atingiu sua cidade e relata que os cristãos cuidaram dos doentes, sem fazer distinção entre cristãos e não cristãos. Segundo seu relato, os pagãos fugiam das pessoas infectadas, inclusive dos seus familiares, abandonavam os moribundos e deixavam os mortos jogados. Muitos cristãos morreram nesses cuidados, inclusive presbíteros, leigos e diáconos. Tomavam os moribundos no colo e no momento da morte “fechavam-lhes os olhos e a boca”. Preparavam os corpos com banho e os enterravam, e, muitas vezes, os sucediam na morte.²⁰

Em 312, a peste desafia os cristãos e sua prática solidária na Ásia Menor. Segundo o relato de Eusébio, novamente os cristãos foram os únicos que não fugiram, mas ajudaram as pessoas afetadas. Reuniam os famintos num único lugar da cidade e distribuíam-lhes o pão. Relata-se que as pessoas não cristãs, observando isso, louvavam o Deus dos cristãos.²¹

Na metade do século 3, a peste invade a Etiópia. Em pouco tempo se espalha por todo o norte da África. O pânico invade a região, enquanto diariamente morre um incontável número de pessoas. Quem pode, foge, desesperadamente. Familiares infectados são deixados impiedosamente para trás. Crianças são colocadas para fora

¹⁴ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. *Liturgie und Diakonie. Gemeinsame Arbeitsstelle für Gottesdienstliche Fragen*. Berlin: Johannesstift, n. 27, p. 31-51, 1996.

¹⁵ SCHMIDT-LAUBER, 1996, p. 39.

¹⁶ LEIPOLDT, J. *Agapen (Liebesmähler)*. In: GALLING, Kurt (Hrsg.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*. 3. Aufl. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1957. v. 1, p. 169s.

¹⁷ HIPÓLITO. *Tradição Apostólica*. In: NOVAK, Maria da Glória (trad.); GIBIN, Maucyr (intr.). *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 59.

¹⁸ GEORG, 2006, p. 51.

¹⁹ TERTULIANO. *Apologético* 39. In: FRÖHLICH, Roland. *Curso básico de história da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 20.

²⁰ EUSÉBIO DE CESAREIA. In: DELGADO, Argemiro Velasco (Org.). *História Eclesiástica II: Eusébio de Cesarea (Libro VI-X)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1973. (VII, 22), p. 467-470.

²¹ EUSÉBIO, *História Eclesiástica* IX, 8, p. 568-572.

das casas. Surgem quadrilhas de saqueadores: enquanto nas cidades os mortos se amontoam, as casas são saqueadas.²²

Em Cartago, a peste chega em 253 com impressionante fúria. Culpam-se os cristãos pelo castigo que os deuses estão impondo à população. Há pouco haviam se encerrado violentas perseguições aos cristãos e agora o ódio da população novamente se levanta contra eles.²³

Nesse contexto aparece o bispo Cipriano. Reúne sua comunidade e a conclama a ajudar, em nome de Cristo, não só os cristãos, como também aqueles que tão ferrenhamente os perseguiram. Ele mesmo vai à frente da comunidade, vai às casas dos doentes. Cuida dos miseráveis, consola os moribundos, não pergunta se são cristãos ou não; só pergunta onde estão as pessoas atingidas pela peste, as abandonadas e solitárias. Ele vai ao encontro delas.²⁴

Ele não age de forma improvisada, mas organiza a comunidade, distribuindo as tarefas entre os membros, de acordo com o que cada um sabia fazer melhor. Vários desses ajudantes são também vítimas pela doença. Em toda parte estão os cadáveres amontoados, servindo de alimento para as aves de rapina.²⁵

Nessa situação, os cristãos, diferentemente dos não cristãos, procuram cumprir a sétima obra de misericórdia, observada no Antigo Egito: sepultar os mortos. Sepultavam não apenas os achegados, mas toda pessoa morta que encontravam. Com esse trabalho sistemático de sepultamento, os cristãos alcançaram algo que estava fora de sua compreensão: controlaram a epidemia, porque o enterro se tornou uma medida de higiene pública.²⁶

Hospitalidade

A hospitalidade era prática comum entre as pessoas das primeiras comunidades cristãs. A igreja, por força da perseguição, organizou-se em comunidades domésticas. Elas são mencionadas em At 12.12; Rm 16.5,23; 1Co 16.15,19; Cl 4.15; Fm 2. As pessoas cristãs abriam suas casas e permitiam que essas se tornassem locais de encontro e convívio da comunidade. Isso, por si só, é um indicativo de que a hospitalidade as identificava. Essa prática foi um fator relevante para a missão: as pessoas que viajavam de cidade em cidade divulgando a fé cristã podiam contar com a hospitalidade de irmãs e irmãos na fé. Por isso a hospitalidade é frequentemente referida no Novo Testamento²⁷ e na igreja antiga ela era requisito para a ocupação de cargos (1Tm 3.2; 5.10; Tt 1.8). Exemplo clássico de quem dependeu da hospitalidade das

²² VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. *Samariter der Menschheit: Christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart*. München: Claudius-Verlag, 1977. p. 24.

²³ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 24.

²⁴ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 24.

²⁵ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 24.

²⁶ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 25.

²⁷ Cf. WEGNER, Uwe. Hospitalidade. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 48-68.

primeiras comunidades cristãs é o apóstolo Paulo. A hospitalidade de Áquila e Priscila possibilitou o trabalho missionário de Paulo em Corinto (cf. At 18).

A hospitalidade é uma das seis ações que compõem as assim chamadas *obras de misericórdia* ou *caridade*, referidas no texto bíblico que fundamenta a diaconia cristã (Mt 25.31-46): acolher as pessoas forasteiras (v. 35). Nelas o próprio Cristo pode ser encontrado.

Kjell Nordstokke, baseando-se em documentos da igreja antiga, afirma ser a hospitalidade um dos eixos da prática diaconal, ao lado da visitação. O primeiro eixo é um movimento de acolhida da outra pessoa e sua inclusão no próprio ambiente, principalmente na comunhão de mesa. O segundo eixo é o movimento de saída do ambiente próprio para ir ao encontro da outra pessoa, onde ela estiver, quando ela se encontra em situação de vulnerabilidade.²⁸

A Didaquê tematiza a hospitalidade em três de seus capítulos. Oferece orientações acerca dessa atividade diaconal: apóstolos e profetas devem ser recebidos como se fossem o próprio Cristo, porém devem ser considerados falsos profetas aqueles que permanecem por mais de dois dias na comunidade; a comunidade deve se empenhar em providenciar trabalho para o hóspede; a pessoa visitante que se tornar morador da cidade deve assumir seu sustento com os recursos de seu próprio trabalho; assim, após ter sido beneficiado com a hospitalidade da comunidade, o hóspede passará a ser colaborador da comunidade. O hóspede que segue viagem deverá receber da comunidade hospedeira “o pão necessário até a seguinte estação”²⁹ e ainda dinheiro, caso o objetivo seja ajudar pessoas necessitadas.³⁰

De acordo com informações de Clemente e Eusébio, comunidades como as de Corinto e de Roma foram caracterizadas como hospitaleiras.³¹

João Crisóstomo (falecido em 407 d.C.), em sua homilia sobre o Evangelho de Mateus, chama a atenção para a hospitalidade da comunidade de Antioquia: em metade do século 2 providenciava diariamente o sustento de três mil viúvas, pessoas doentes, forasteiras e demais necessitadas.³²

Gregório de Nissa (falecido em 394 d.C.), em sua homilia sobre o amor aos pobres e a beneficência, faz referência ao estrangeiro, descrevendo com impressionante plasticidade sua realidade de sofrimento:

O estrangeiro e o emigrado também não faltam. Por toda parte veem-se mãos estendidas buscando auxílio. Para eles, casa é o ar livre. Hospedaria, os pórticos e ruas e os lugares mais ermos da praça. À semelhança das corujas e dos mochos escondem-se nos buracos. Sua roupa são andrajos enrolados ao corpo; colheita, a decisão dos compadecidos; alimento, o que por acaso lhes cai nas mãos; bebida a das fontes que também é a dos animais; copo, o côncavo das mãos; despesa, pregas da roupa se estas não dei-

²⁸ NORDSTOKKE, 2011, p. 244.

²⁹ Didaquê XI, p. 35.

³⁰ Didaquê, p. 36. Cf. também WEGNER, 2004, p. 61.

³¹ GEORG, 2006, p. 52.

³² WEGNER, 2004, p. 61.

xarem cair, mas reter o que foi posto; mesa, os joelhos dobrados; leito, o chão; banho, o rio ou lago, aquilo que Deus providenciou, comum a todos e natural. Para eles, vida errante e grosseira, não como era no princípio, mas tal como a fizeram a desgraça e a necessidade³³.

Nessa mesma homilia, Gregório de Nissa segue com um apelo à comunidade cristã:

A esses tais, ó jejuador, vem socorrer. Para com os irmãos infelizes, sê tu generoso. Aquilo que recusas a teu estômago, oferece-o ao faminto. Seja o temor de Deus o justo repartidor. Pela sábia abstinência, cura duas moléstias antagônicas: teu fastio e a fome do irmão [...]. Com palavras somente não se enriquecem os necessitados, deem-lhes casa, leito e mesa, é isto a palavra de Deus³⁴.

Gregório de Nazianzo (falecido em 390 d.C.), por sua vez, ao pregar sobre o amor aos pobres, procura sensibilizar a comunidade especificamente em relação ao sofrimento das pessoas leprosas, que se ressentem da falta de acolhimento:

Expulsos das cidades, expulsos das casas, praças, reuniões, das estradas, das assembleias [...] os fazemos voltar para nós, sem lhes atribuir um domicílio nem alimentação necessária, nem remédio para suas chagas, nem abrigo que cubra o doente com eficácia. Por isto vagueiam noite e dia, sem recursos, nus, sem lar, exibindo a moléstia, relatando com pormenores as coisas passadas, gritando ao Criador, usando uns membros em lugar dos que faltam, cuidando de cantar cantigas para atrair a misericórdia, pedindo um pouquinho de pão ou o menor pedaço de carne ou farrapos gastos que possam esconder seu pudor ou amenizar-lhes as chagas [...] Se tendes confiança em mim, ó servos de Cristo, meus irmãos e co-herdeiros, enquanto ainda temos tempo, vamos visitar a Cristo, servir a Cristo, alimentar o Cristo, vestir o Cristo, *recolher o Cristo*, a Cristo honrar³⁵.

Outro testemunho voltado à prática da hospitalidade cristã vem do século 2: Aristides escreve em sua Apologia (cap. 15.7) que os cristãos “não desprezam as viúvas [...] Aquele que tem, dá, sem inveja àquele que não tem. Quando encontram um estrangeiro, levam-no para dentro de suas casas e alegram-se com ele como se fosse um verdadeiro irmão [...]”³⁶.

O imperador Juliano, o apóstata, (361-363 d.C.), apesar de ser inimigo dos cristãos, reconhece, em sua Epístola a Arsácio, o modo de vida solidário dos cristãos:

Será que não entendemos que o ateísmo (referindo-se ao cristianismo) foi promovido de modo mais eficiente pelo humanitarismo (dos cristãos) para com os estranhos e pelos

³³ FIGUEIREDO, Fernando Antônio (editor). *Os Padres da Igreja e a questão social*. Homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 25.

³⁴ FIGUEIREDO, 1986, p. 25s.

³⁵ FIGUEIREDO, 1986, p. 42-63.

³⁶ WEGNER, 2004, p. 61.

cuidados (dos cristãos) com os enterros dos mortos? [...] Os ímpios galileus alimentam, além dos seus pobres, também os nossos [...]”³⁷.

Deposita Pietatis

“E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42) registra os quatro pilares da vida comunitária em Jerusalém: doutrina dos apóstolos, comunhão, partir do pão e oração. Dois deles se referem à distribuição de bens: comunhão e partir do pão. O termo comunhão é tradução do grego *koinonia*, que significa partilha. A ênfase nessas ações deve-se à realidade de que a grande maioria dos membros da igreja se constituía de pessoas pobres. No caso da comunidade de Jerusalém, a maioria era formada por escravos, diaristas, mendigos, artesãos.³⁸ Portanto a partilha caracteriza a igreja dos primeiros séculos.

Diferentemente da comunidade dos essênios, em Qumran, onde a partilha dos bens era obrigatória, para os cristãos a *koinonia* não tem a obrigatoriedade como base. Justino anima a comunidade a doar espontaneamente: “Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dê o que bem lhe parece, e o que for recolhido entregue-se ao presidente”³⁹.

O mesmo Justino, que escreveu sua Apologia em torno do ano 150 d.C., afirma: “O diácono é um cuidador para todos que estão na cidade [...] Nós, quando podemos, ajudamos a todos que têm necessidades”⁴⁰. Digno de nota é o fato de que não se fazia seleção de beneficiários; o critério da ajuda era a necessidade das pessoas, indistintamente. A expressão “quando podemos” alude à condição da existência ou não de recursos para essa finalidade. Esses precisam ser arrecadados para, depois, serem distribuídos. A forma institucionalizada de arrecadação e partilha de bens parece ter sido a caixa comum da comunidade, que se tornou conhecida pelo sugestivo nome de *deposita pietatis*.

Orígenes escreve sobre o objetivo da caixa comunitária: resgatar a dignidade das pessoas e procurar entender as causas da pobreza. Da mesma forma, escreve sobre os critérios que devem orientar a distribuição dos recursos da caixa: a ajuda não deve ser igual para todas as pessoas; há as que precisam mais e as que precisam menos.⁴¹

Tertuliano menciona a caixa comunitária em sua obra *Apologético* 39. Esse documento faz supor que o recolhimento do dinheiro para esse fundo se dava por ocasião dos ágapes.⁴²

Quem eram especificamente os beneficiários e as beneficiárias da *deposita pietatis*? Nos escritos de Tertuliano pode-se perceber que as pessoas pobres são o alvo

³⁷ WEGNER, 2004, p. 62.

³⁸ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisa da história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 159-172.

³⁹ JUSTINO, *Apologia* I, 67.6, p. 83.

⁴⁰ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 23.

⁴¹ HARNACK, Adolf von. *Die Mission und die Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. 4. Aufl. Leipzig: Verlages-KG, 1924. p. 181s.

⁴² TERTULIANO, *Apologético* 39, p. 20.

prioritário das ações solidárias das comunidades cristãs. Considerando que a maioria dos membros da igreja tinha sua origem nas camadas mais pobres da população⁴³, pode-se inferir que a necessidade de ajuda representava uma causa de grande dimensão. Tertuliano menciona as pessoas pobres no contexto da morte; menciona jovens pobres e órfãos, escravos que envelheceram, náufragos e prisioneiros.⁴⁴ O mesmo Tertuliano descreve o destino dos recursos da *deposita pietatis*:

para nutrir e sepultar (dignamente) os pobres, para socorrer meninos e meninas que não têm recursos nem pais, ou os servos (escravos) que ficaram idosos, ou ainda os náufragos. E se alguns cristãos sofrem nas minas, nas ilhas, nas prisões, unicamente por causa do nosso Deus, eles se tornaram os filhos queridos da religião que confessaram⁴⁵.

Entretanto, há um público especialmente vulnerável no início da era cristã: as crianças. Crianças não desejadas e as nascidas fora do matrimônio eram enjeitadas.⁴⁶ De acordo com esse costume, amplamente difundido na Grécia e no Império Romano, as crianças eram, em grande medida, descartáveis.⁴⁷ Principalmente as meninas eram vítimas do enjeitamento, respectivamente da morte logo após o nascimento. Esse fato é testemunhado, entre outros, por uma carta do ano 1 a.C., escrita por um trabalhador migrante egípcio para sua mulher, grávida, que ficara em casa: “[...] Se deres à luz a um menino, deixe-o viver; mas se for menina, enjeite-a [...]”⁴⁸.

Muitas das crianças abandonadas morriam. Outras eram criadas para serem escravas. Os rapazes eventualmente eram obrigados a se tornar gladiadores e as moças eram exploradas na prostituição.⁴⁹ Wolfgang Stegemann acrescenta que essas crianças eram um bom investimento financeiro para pessoas abastadas, que as criavam para explorá-las mais tarde como escravos.⁵⁰ Uma prática especialmente brutal contra as crianças enjeitadas é relatada por um contemporâneo de Jesus, Sêneca, o Velho: “Mendigos profissionais recolhiam crianças abandonadas, mutilavam-nas e depois exploravam seu estado lastimável para conseguir esmolas”⁵¹.

Os órfãos, dada a sua vulnerabilidade, são recomendados ao cuidado da comunidade em muitos textos antigos (Herma, Aristides, Justino etc.). Sua sobrevivência fora do cristianismo praticamente era possível apenas na prostituição ou na escravidão.⁵²

⁴³ BEYREUTHER, Erich. *Geschichte der Diakonie und Inneren Mission in der Neuzeit*. 3. Aufl. Berlin: Wichern-Verlag, 1983. p. 12.

⁴⁴ TERTULIANO, *Apologético* 39.

⁴⁵ TERTULIANO, *Apologético* 39, p. 20.

⁴⁶ STEGEMANN, Wolfgang. *Lasset die Kinder zu mir kommen: Sozialgeschichtliche Aspekte des Kinder-evangeliums*. In: SCHOTTRUFF, Willy; STEGEMANN, Wolfgang (Hrsg.). *Traditionen der Befreiung*. München: Chr. Kaiser, 1980, v. 1, p. 121s.

⁴⁷ STEGEMANN, 1980, p. 121.

⁴⁸ WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças: subsídios bíblicos para estudo e pregação*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 11.

⁴⁹ WEBER, 1986, p. 11.

⁵⁰ STEGEMANN, 1980, p. 121.

⁵¹ WEBER, 1986, p. 11.

⁵² GEORG, 2006, p. 55.

Nesse contexto, a comunidade cristã, além de sustentar e educar órfãos, providenciava novos pais para órfãos cristãos.⁵³ Portanto praticava-se a *diaconia da adoção*. Orígenes (falecido em 253/4) foi adotado por uma mulher cristã.⁵⁴ Também filhos de mártires foram adotados.⁵⁵ Lactâncio (início do séc. 4) diz que os cristãos, em vista do martírio, não devem renunciar à fé por causa da preocupação com os filhos e as filhas, porque “a esses não faltará proteção e ajuda”⁵⁶.

Mais uma categoria de pessoas que recebeu ajuda das comunidades cristãs no período da igreja antiga são as viúvas, também por causa da sua extrema vulnerabilidade. Elas, em regra, são mencionadas ao lado dos órfãos (Tg 1.27). Tiago ressalta a necessidade de visitar órfãos e viúvas. De modo particular, as pobres e as que têm muitos filhos. Sua vulnerabilidade deve-se ao fato de não mais poderem contar com a provisão de seus maridos. Assim, passaram a depender das ofertas dos membros da comunidade. Foram chamadas de “altar de Deus”⁵⁷.

Os recursos da *deposita pietatis* também eram importantes no contexto da escravidão. “Nas comunidades cristãs dos primeiros três séculos havia um número surpreendentemente elevado de escravos.”⁵⁸ Algumas vezes, a comunidade cristã pagou resgates de escravos com os fundos da caixa comunitária. De modo especial, a comunidade assumia os cuidados pelos escravos idosos.⁵⁹

Os escravos integram a comunidade cristã, podendo tornar-se líderes da mesma.⁶⁰ Harnack cita nomes de líderes cristãos que foram escravos: Pio, irmão de Hermas; Calisto, diácono e depois bispo; e talvez também Eusébio de Cesareia.⁶¹

Paulo, quando escreve a Filemom, não pede a libertação do escravo Onésimo, mas pede a esse líder da igreja-doméstica que trate Onésimo como irmão (Fm 2). Paul Philippi afirma que a igreja antiga caracterizou-se por transformar a relação patrão-escravo em irmão-irmão, sendo que “escravos podiam até tornar-se bispos”⁶².

Os fundos da caixa comunitária dos primeiros séculos do cristianismo destinavam-se também para socorrer naufragos. Nas cidades portuárias, onde se encontravam as primeiras comunidades cristãs, era comum a existência de sobreviventes de naufrágios. O uso das vias marítimas era comum na região, e os naufrágios aconteciam com certa frequência. Os naufragos estavam entre os mais desprotegidos e pobres, já que se encontravam em terra estranha, sem conhecidos, familiares e sem bens.⁶³

Grande dedicação foi demonstrada também em relação às pessoas presas.

⁵³ HAMMAN, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997. p. 134.

⁵⁴ Cf. EUSÉBIO, *História Eclesiástica* IV, 2, p. 197s.

⁵⁵ HARNACK, 1924, p. 185.

⁵⁶ HARNACK, 1924, p. 185.

⁵⁷ HAMMAN, 1997, p. 136s e HARNACK, 1924, p. 185.

⁵⁸ LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 132.

⁵⁹ GEORG, 2006, p. 55.

⁶⁰ LOHFINK, 1986, p. 132.

⁶¹ HARNACK, 1924, p. 192.

⁶² PHILIPPI, 1980, p. 625.

⁶³ HAMMAN, 1997, p. 31.

Luciano de Samosata, em seu escrito satírico sobre o fim da vida do prisioneiro Peregrino (cerca de 170 d.C.), ridiculariza os cristãos por causa do seu zelo por esse irmão encarcerado. Escreve:

Quando ele estava preso, os cristãos, considerando este fato uma infelicidade acontecida a todos eles, tentaram o possível e o impossível para tirá-lo da prisão. Como não lhes foi possível, pelo menos não lhe deixaram faltar nada em tratamento e cuidado. Já ao romper do dia viam-se ao redor da prisão mulheres velhas viúvas e órfãos jovens. Os nobres entre eles até subornavam os guardas e passavam noites inteiras com ele. Também foram trazidas boas refeições e feitas conversações sagradas [...] Até veio gente de várias cidades da Ásia mandada pelos cristãos de lá, para ajudá-lo, para serem seus defensores no tribunal e para o consolar. Pois esta gente, sempre que tais coisas atingem sua comunidade, é de uma atividade e atuação incompreensíveis, e não poupa esforços nem despesas. Por isso foi enviada também a Peregrino uma vultuosa soma de dinheiro e, deste modo, ele conseguiu bons rendimentos⁶⁴.

Em meados do século III, por ocasião de uma epidemia de peste no norte da África, o bispo Cipriano, de Cartago, além de se engajar na ajuda incessante às vítimas da peste, promoveu uma campanha financeira em sua comunidade, com um resultado surpreendentemente elevado, com o objetivo de libertar um grupo de pessoas presas e escravizadas por quadrilhas de assaltantes na Numídia. Ao enviar o dinheiro aos bispos da Numídia, em 253, anexa uma carta em que afirma: “Nos nossos irmãos presos devemos enxergar Cristo e libertá-lo do perigo da escravidão, porque ele nos salvou do perigo da morte”⁶⁵.

O bispo Cipriano estava preocupado com os presos em sentido geral. Em consequência da perseguição às pessoas cristãs, muitos irmãos na fé se tornavam prisioneiros. Em relação a esses, ele recomenda cuidado, “para que nada lhes falte em víveres, vestuário e dinheiro”⁶⁶. O exemplo de Cipriano despertou em muitos a solidariedade em relação aos encarcerados, chegando ao ponto de alguns cristãos venderem sua própria liberdade para, com o dinheiro arrecadado, libertar outros. “Deixam-se algemar para que outros possam estar livres.”⁶⁷

Significado especial tem o apoio espiritual dado às pessoas que se tornavam prisioneiras por causa da fé. Em Cartago, diáconos assumiram um serviço carcerário permanente. Algumas informações a esse respeito foram registradas pela mártir Perpétua, em seus relatos da prisão. Alguns diáconos se tornavam funcionários dos presídios para, assim, estar mais próximos dos irmãos presos e poder servi-los em sentido espiritual e material. Com isso correm diariamente o risco de ser denunciados

⁶⁴ LUCIANO, *Peregrinus* 12s, apud LOHFINK, 1986, p. 222s.

⁶⁵ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 25; CIPRIANO, *Ep.* 62.76-79, apud PHILIPPI, 1980, p. 625.

⁶⁶ WILGES, Irineu. *A história e doutrina do diaconato até o concílio de Trento*. Petrópolis: Vozes, 1970. p. 213.

⁶⁷ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 25.

e também encarcerados.⁶⁸ Os diáconos Tércio e Pompônio serviram Perpétua e Felicidade na prisão, nos anos 202/203.⁶⁹ Perpétua escreve:

Fomos jogados no cárcere e eu fiquei assustada porque nunca havia experimentado tal escuridão. Ó dia horrível! Um calor insuportável, pois, as pessoas eram jogadas aos montes para dentro, pelos soldados; e, por fim, também me torturava a preocupação com minha criança. Então, os bons diáconos Tércio e Pompônio, que nos serviam, nos alcançaram com dinheiro, para que pudéssemos, por algumas horas, nos refrescar num lugar melhor do cárcere⁷⁰.

Um exemplo para o serviço carcerário é também a história do eremita Antônio de Keman. Numa idade de 60 anos, ele abandona sua capela no deserto e acompanha um grupo de cristãos prisioneiros até Alexandria, onde deveriam ser julgados. Durante meses, Antônio está com eles nas salas de julgamento. Ele consola os condenados, cuida dos doentes, levanta os desanimados. E sempre de novo ele vai com eles aos tribunais e fica com eles até o instante da morte.⁷¹

Antônio torna-se conhecido. Sua idade e idoneidade lhe rendem a confiança, mesmo dos agentes de segurança. Assim, ele ganha acesso aos cárceres, visita as pessoas aprisionadas, distribui pão entre elas e as consola com oração e aconselhamento. Preocupa-se com as pessoas doentes, feridas e mutiladas. Nenhum trabalho lhe parece sobrecarga. Mesmo nas minas, onde as pessoas condenadas prestam serviços forçados, ele entra. E pode acontecer que o monge seja flagrado pelos guardas substituindo alguém muito cansado no trabalho.⁷²

A situação das pessoas cristãs condenadas ao trabalho nas minas era uma preocupação de toda a comunidade cristã. Documentos da época atestam que os trabalhos forçados eram de dez anos, que as pessoas eram marcadas a ferro em brasa, trabalhavam acorrentadas, havia revezamento por turno para não interromper o trabalho, o ar era irrespirável, o calor sufocante, as pessoas adoeciam e os guardas eram impiedosos.⁷³ A comunidade economizava para sustentar essas pessoas cristãs ou mesmo para libertá-las. Ela também orava por seus presos.

Vários são os pais da igreja que tratam do serviço da visitação às pessoas aprisionadas nessa época, entre eles Inácio, Aristides, Tecla, Clemente.⁷⁴

“A Igreja no século III era uma *força financeira a serviço dos pobres*, a tal ponto que ela suscitou a inveja e cobiça por parte das autoridades e funcionários do Império Romano.”⁷⁵ De acordo com Hoornaert, a comunidade de Roma, no tempo do bispo Cornélio (ano 250), alimentava 1.500 viúvas e necessitados, além de sustentar:

⁶⁸ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 26.

⁶⁹ HAMMAN, 1997, p. 141.

⁷⁰ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 26.

⁷¹ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 26.

⁷² VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 26.

⁷³ HAMMAN, 1997, p. 143.

⁷⁴ HAMMAN, 1997, p. 141.

⁷⁵ HOORNAERT, 1986, p. 217.

um bispo, 46 presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, 42 acólitos (assistentes dos bispos), 52 exorcistas, leitores e hostiários.

A gestão da caixa comunitária cabia aos diáconos. Aliás, o caráter administrativo do cargo de diácono fica claro no escrito *Tradição Apostólica*, de Hipólito. Também Ambrósio (falecido em 397) escreve que os diáconos administram os bens da igreja. Podia tratar-se da movimentação de tesouros consideráveis, dado o grande volume de contribuições arrecadadas e o grande número de pessoas que recebiam ajuda, o que justifica a insistência no perfil adequado de pessoas que viessem a ocupar os cargos de bispo e diácono: deviam ser pessoas honestas e livres de ganância (1 Tm 3; Tt 1; Didaquê XV.1, p. 40). As pessoas que assumiam a responsabilidade de administrar as caixas comunitárias tornavam-se reconhecidas. “A gestão desses bens era confiada a um diácono e logo ao arceidiago (arqui-diácono)”, tornando-se ele a primeira pessoa depois do bispo, e seu sucessor natural.⁷⁶ Não faltaram críticas a administradores infieis: o bispo Cipriano faz menção a desvios de dinheiro.⁷⁷ Orígenes evoca a cena dos cambistas do templo de Jerusalém para criticar bispos, presbíteros e diáconos que “só procuram seu proveito próprio”⁷⁸.

Na igreja antiga, em sentido geral, havia consciência de que a caixa comunitária era *patrimonium pauperum*⁷⁹, ou seja, pertencia aos pobres. Nesse contexto, Eusébio⁸⁰ conta a história do diácono Lourenço, que, no ano de 258, sob a perseguição do imperador Valeriano, foi pressionado pelo prefeito da cidade de Roma a entregar os bens da igreja para o governo. A tradição conservou a história que segue.

Lourenço foi um conhecido diácono da igreja antiga. Foi um dos sete diáconos da cidade de Roma, morto no ano de 258. Em 257, o imperador Valeriano publicou seus vereditos contra os cristãos. O prefeito de Roma, imaginando que a igreja tivesse grandes tesouros guardados, resolveu confiscá-los, alegando que o imperador necessitava deles para manter seus exércitos. Lourenço, diácono responsável pela guarda dos recursos da igreja e sua distribuição entre os pobres, pediu um tempo ao prefeito, dizendo que precisava organizar todos os tesouros da igreja para entregá-los todos juntos. O prefeito consentiu. Lourenço saiu, então, por toda a cidade, reuniu as pessoas pobres, doentes, idosos, cegas, aleijadas, mutiladas, leprosas, mendigas, órfãs e viúvas, pessoas essas sustentadas pela igreja, colocou todo mundo em fila e mandou chamar o prefeito. Este, ao ver aquela assembleia interminável de miseráveis, irado, perguntou do que se tratava. Foi quando Lourenço respondeu: “Esses aí são o tesouro da igreja, que lhe quero entregar”⁸¹. Essa atitude custou-lhe a vida: a tradição conta que, por ordem do prefeito de Roma, Lourenço foi queimado vivo, lentamente, sobre

⁷⁶ HAMMAN, 1997, p. 145.

⁷⁷ PHILIPPI, 1980, p. 625.

⁷⁸ HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão: uma história da Igreja nos três primeiros séculos*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 219s.

⁷⁹ METTE, Norbert. Trabalho caritativo: pontos de vista prático-sistemáticos. In: EICHER, Peter (Ed.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 936.

⁸⁰ EUSÉBIO, *História Eclesiástica VI*, 43, p. 423.

⁸¹ EUSÉBIO, *História Eclesiástica VI*, 43, p. 423.

uma grelha, no dia 10 de agosto. O martírio de Lourenço lembra que as pessoas mais miseráveis são o tesouro da igreja.

Campanhas de solidariedade

As comunidades cristãs dos primeiros tempos ajudavam-se mutuamente através de ofertas. Exemplo clássico para isso é a campanha que o apóstolo Paulo realizou entre as comunidades gentílico-cristãs da Macedônia para socorrer a comunidade de Jerusalém, de origem judaica, empobrecida sob o governo do imperador romano Cláudio, nos anos 41-54 (At 11.27-30; 2Co 8-9; Rm 15.26).

A solidariedade entre comunidades é um fator de unidade da igreja. Especialmente a coleta motivada por Paulo, numa situação conflituosa (ameaça de cisma), por causa das diferenças entre o cristianismo de origem gentílica e o cristianismo de origem judaica, é um sinal em favor da unidade da jovem igreja cristã.⁸²

A história dos primeiros séculos indica também Roma como comunidade exemplar no apoio financeiro a outras comunidades.

Vale registrar que, embora houvesse intensa preocupação de cuidado entre as comunidades cristãs, essas não estavam fechadas em si mesmas. Vários são os exemplos que atestam a solidariedade também em relação a pessoas fora da família das pessoas batizadas. É o caso, por exemplo, do bispo Cipriano, que, ao socorrer as pessoas vitimadas pela peste, não perguntava pela sua pertença religiosa.⁸³ O bispo Dionísio de Alexandria (falecido em 265) escreve sobre a peste que atingiu sua cidade e relata que os cristãos cuidaram dos doentes sem fazer distinção entre cristãos e não cristãos.⁸⁴ Esse tipo de atitudes se fundava em princípios da fé cristã, como: amar os inimigos, orar pelos perseguidores (Mt 5.44), hospitalidade em relação a estrangeiros (Hb 13.2).⁸⁵

Sepultamento

No mundo contemporâneo das primeiras comunidades cristãs, deixar alguém sem sepultamento era considerado um castigo para a pessoa falecida ou para seus familiares.⁸⁶ Um documento da época de Jesus informa que os romanos, nas suas execuções, negavam os corpos dos crucificados aos familiares, como forma de punição.⁸⁷ Nas perseguições aos cristãos, os perseguidores recusam-se a entregar os corpos dos mártires, deixando-os, sob vigilância militar, jogados ao tempo como alimento para

⁸² METTE, 1993, p. 937.

⁸³ VONHOFF; HOFMANN, 1977, p. 24.

⁸⁴ GEORG, 2006, p. 59.

⁸⁵ Cf. HAMMAN, 1997, p. 79.

⁸⁶ HAMMAN, 1997, p. 140.

⁸⁷ REIMER, Ivoni Richter. Lembrar, transmitir, agir: mulheres nos inícios do cristianismo. *RIBLA*, Petrópolis, n. 22, p. 53, 1995.

os animais. Mesmo sob pagamento, os cristãos não conseguiam livrar os irmãos falecidos dessa sorte.⁸⁸

Certamente a amarga experiência dos cristãos de verem seus mártires serem privados do direito a um sepultamento digno veio a aguçar seu senso de responsabilidade em relação ao sepultamento. Iniciam algo inusitado: como indivíduos ou como comunidade, assumem tanto os sepultamentos dos cristãos, quanto daquelas pessoas não cristãs que morrem na pobreza e no abandono.⁸⁹ Era bastante comum que peregrinos não cristãos aparecessem mortos, sem ter alguém que cuidasse de seu enterro. “Quando um pobre deixa este mundo, e um irmão fica sabendo, ele se encarrega do sepultamento daquele, segundo seus meios.” Essa orientação de Aristides (escrita entre os anos 117 e 138) indica que o sepultamento digno dos pobres pode ser tarefa de indivíduos.⁹⁰ Mas Tertuliano vê nisso também uma responsabilidade comunitária.⁹¹

A determinação dos cristãos em defender o enterro digno para todas as pessoas fundamentava-se na compreensão de que cada ser humano foi criado segundo a imagem do Criador. Lactâncio escreve no início do século IV:

Nós não permitiremos que a imagem e criação de Deus sejam lançadas aos animais ferozes e pássaros como presa, porém, a devolveremos à terra, donde vieram, e nós iremos também cumprir a tarefa [de sepultar os mortos] na pessoa desconhecida, em lugar dos seus parentes, ali onde estes faltam⁹².

O sepultamento digno de qualquer pessoa, e, em especial, o sepultamento de pessoas pobres, contava entre as tarefas específicas dos diáconos. Em cidades litorâneas era comum encontrar cadáveres abandonados, vítimas de naufrágios. Cabia aos diáconos procurá-los, vesti-los, enfeitá-los e enterrá-los.⁹³ Também o cuidado pelo cemitério e sua administração têm feito parte das tarefas dos diáconos nos primeiros séculos. Zeferino, bispo de Roma (198-217), incumbiu Calisto da administração do cemitério.⁹⁴ Ambrósio escreve, no século IV, que os diáconos são guardas do cemitério dos mártires.⁹⁵

Na compreensão cristã, o sepultamento não representava a despedida da pessoa falecida do círculo da comunidade cristã, mas, antes, o ingresso na igreja triunfante.⁹⁶

⁸⁸ HAMMAN, 1997, p. 211.

⁸⁹ GEORG, 2006, p. 97.

⁹⁰ ARISTIDES, *Apologia 15*, apud HAMMAN, 1997, p. 140.

⁹¹ GEORG, 2006, p. 97.

⁹² HARNACK, 1924, p. 191.

⁹³ HAMMAN, 1997, p. 140. Cf. também STARNITZKE, Dierk. *Diaconia: fundamentação bíblica – concretizações éticas*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 46.

⁹⁴ WILGES, 1970, p. 208.

⁹⁵ WILGES, 1970, p. 218.

⁹⁶ GEORG, 2006, p. 99.

Conclusão

A igreja dos primeiros séculos ofereceu ao mundo testemunhos vigorosos da fé cristã. As violentas e constantes perseguições não conseguiram inibir ou sufocar a manifestação da fé que tem como fundamento o Deus da graça e do amor. Esse Deus fez-se carne na pessoa de Jesus de Nazaré, que veio, não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45). Sua forma de servir foi a de estar solidariamente com as pessoas doentes, empobrecidas, fragilizadas, famintas, forasteiras, pessoas com deficiência, crianças, mulheres discriminadas.

A forma como Jesus agiu inspirou as comunidades cristãs dos primeiros séculos na estruturação de atividades de cuidado em relação ao ser humano que se encontrava em situação de vulnerabilidade. Entre muitas iniciativas diaconais, referenciamos neste artigo a prática do ágape, através da qual se saciava a fome de grande número de pessoas empobrecidas; a solidariedade em situações emergenciais, como as epidemias; a hospitalidade, especialmente praticada em relação a pessoas forasteiras; a caixa comunitária, com cujos fundos se socorria pessoas e grupos em situação de sofrimento; campanhas de ofertas, através das quais se expressavam a unidade e a solidariedade da igreja; e o sepultamento digno das pessoas, especialmente as empobrecidas e indigentes.

Ações diaconais e de cuidado exercitadas pelas comunidades cristãs dos primeiros séculos são sinal da presença do reino de Deus neste mundo. Inaugurado por Cristo, esse reino é a única causa da igreja. Testemunhos da sua presença apontam sempre para um outro mundo possível, de bem-estar para toda gente; e são inspiradores para comunidades cristãs em qualquer época. A igreja dos tempos atuais necessita conhecer esses testemunhos e deixar-se inspirar por eles, para uma atuação vigorosa com vistas à transformação de realidades injustas.

Referências

- BEYREUTHER, Erich. *Geschichte der Diakonie und Inneren Mission in der Neuzeit*. 3. Aufl. Berlin: Wichern-Verlag, 1983.
- DIDAQUÊ – Catecismo dos primeiros cristãos [ou “Doutrina dos Apóstolos”]. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. In: DELGADO, Argemiro Velasco (Org.). *História Eclesiástica II: Eusebio de Cesarea (Libro VI-X)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1973.
- FIGUEIREDO, Fernando Antônio (editor). *Os Padres da Igreja e a questão social*. Homilias de Basílio Magno, Gregório de Nissa, Gregório de Nazianzo e João Crisóstomo. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GEORG, Sissi. *Diaconia e culto cristão: o resgate de uma unidade*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia; Centro de Recursos Litúrgicos, 2006.
- HAMMAN, A. G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos*. São Paulo: Paulus, 1997.
- HARNACK, Adolf von. *Die Mission und die Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. 4. Aufl. Leipzig: Verlages-KG, 1924.

- HIPÓLITO. Tradição Apostólica. In: NOVAK, Maria da Glória (trad.); GIBIN, Maucyr (intr.). *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*: liturgia e catequese em Roma no século III. Petrópolis: Vozes, 1971.
- HOORNAERT, Eduardo. *A memória do povo cristão*: uma história da Igreja nos três primeiros séculos. Petrópolis: Vozes, 1986.
- HOORNAERT, Eduardo. As comunidades cristãs dos primeiros séculos. In: PINSKY, Carla Bassenezi; PINSKY, Jaime. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 81-95.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisa da história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.
- JUSTINO, Apologia I. In: NOVAK, Maria da Glória. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 79-83.
- LEIPOLDT, J. Agapen (Liebesmähler). In: GALLING, Kurt (Hrsg.). *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*. 3. Aufl. Tübingen: J.C.B. Mohr. 1957. v. 1, p. 151s.
- LOHFINK, Gerhard. *Como Jesus queria as comunidades?* A dimensão social da fé cristã. São Paulo: Paulinas, 1986.
- METTE, Norbert. Fazer da terra um céu – Diaconia na Igreja Primitiva. *Concilium*, Petrópolis, n. 218, p. 45-52, 1988.
- METTE, Norbert. Trabalho caritativo: pontos de vista prático-sistemáticos. In: EICHER, Peter (Ed.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 935-952.
- PHILIPPI, Paul. Diakonie I: Geschichte der Diakonie. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). *Theologische Realenzyklopädie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1980; v. 8, p. 621-644.
- REIMER, Ivoni Richter. Lembrar, transmitir, agir: mulheres nos inícios do cristianismo. *RIBLA*, Petrópolis, n. 22, p. 45-59, 1995.
- ROLOFF, Jürgen. Der Gottesdienst im Urchristentum. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph (Hrsg.). *Handbuch der Liturgik*: Liturgiewissenschaft in Theologie und Praxis der Kirche. 2. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1995. p. 43-71.
- RUHFUS, Martin. *Diakonie-Lernen der Gemeinde*: Grundzüge einer diakonischen Gemeindepädagogik. Rothenburg: Ernst-Lange-Institut, 1991.
- SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. Liturgia e Diakonie. *Gemeinsame Arbeitsstelle für Gottesdienstliche Fragen*, Berlin: Johannesstift, n. 27, p. 31-51, 1996.
- SCHNEIDER, Nélio. Pecado e sacrifício na Ceia do Senhor: “Por isso há entre vós muitos fracos e doentes, e vários já dormiram” (1Co 11.30). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 2, p. 119-128, 1996.
- STARNITZKE, Dierk. *Diaconia: fundamentação bíblica – concretizações éticas*. São Leopoldo: Sinodal, 2013.
- STEGEMANN, Wolfgang. Lasset die Kinder zu mir kommen: Sozialgeschichtliche Aspekte des Kinderevangeliums. In: SCHOTTROFF, Willy; STEGEMANN, Wolfgang (Hrsg.). *Traditionen der Befreiung*. München: Chr. Kaiser, 1980. v. 1, p. 114-144.
- TERTULIANO. Apologético 39. In: FRÖHLICH, Roland. *Curso básico de história da igreja*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- VONHOFF, Heinz; HOFMANN, Hans-Joachim. *Samariter der Menschheit*: Christliche Barmherzigkeit in Geschichte und Gegenwart. München: Claudius-Verlag, 1977. p. 24s.
- WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças*: subsídios bíblicos para estudo e pregação. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- WEGNER, Uwe. Hospitalidade. In: GAEDE NETO, Rodolfo; PLETSCHE, Rosane; WEGNER, Uwe (Orgs.). *Práticas diaconais: subsídios bíblicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 48-68.
- WILGES, Irineu. *A história e doutrina do diaconato até o concílio de Trento*. Petrópolis: Vozes, 1970.